

O Doutor Pacheco

Por OCTÁVIO SÉRGIO

A NDAVA aí pela cidade, sempre com a mesma indumentária, um fraquinho já cado de cor duvidosa, e eu, ao vê-lo, tinha para mim que o D. Quixote de Cervantes — ou como o desenhara Gustavo Doré, grande ilustrador da obra cervantina que desafiou os séculos — resuscitara para viver de novo o seu drama.

Descendente de nobres famílias portuguesas da maior fidalguia, dizia-se que ia entroncar com D. Nuno Álvares Pereira, condestável do Reino!...

Uma senhora sua contemporânea disse-me muitas vezes que o conheceu em Coimbra, onde cursou Direito, em que veio a formar-se. Menino bonito na Atenas portuguesa, guiava carros luxuosos puxados por parelhas magníficas, como convinha a menino fidalgo herdeiro de grande fortuna.

A lenda, que apadrinha todos os desgraçados, aos quais após uma auréola que os diviniza, embora de uma maneira muito nebulosa, diz-nos que este senhor muito rico, depois de formado em Coimbra, mereço dos muitos dinheiros que facilmente manuseava, fez aqui no Porto mil tropelias de boémio estoiatavergas.

Por último, o moço tresloucado mettera-se numa empresa diabólica, mandando arrasar uma linda capela para construir no mesmo lugar uma casa de tavolagem... Fora isso — teria sido — a razão de a sua imensa fortuna se ter reduzido, real a real, ao ponto de o moço fidalgo ter ficado na miséria mais negra.

Quando o conheci, aureolado pela lenda, celebrizado pela anedota, já ele era a figura estranha, dramática e pitoresca a um tempo, que durante muitos anos atravessou as ruas da cidade com pasmo irónico dos transeuntes e verdadeira alegria da garotada, que não raro se manifestava exuberantemente com a sua vis caricatural. Era para os garotos o «Doutor Rabeta», pois nunca largava da boca a sua rabeta de 3 tozões... da modestíssima família nacional dos Reinitas, que, por excepção, às vezes, igualava os melhores La Casa, quando os não ultrapassava... Era aquela rabeta de 5 tostões a última fumaça do fidalgo arruinado, verdadeiro ex-libris de um doutor vagabundo, de um mendigo orgulhoso, que era rico de imaginação e fantasia.

Desmedidamente alto, muito curvado para a frente, com o baú das costas saliente, esta reencarnação quixotesca do Porto de há meio século, com toda a sua celebridade de «ilustre desconhecido», veio a morrer um dia num pobre catre, talvez sonhando ainda nas vascas da agonía. E nunca mais se tornou a falar dele.

Só eu me lembro a cada passo do «Doutor Pacheco», e o vejo nitidamente desenhado na minha frente.

Eu, que havia de ser jornalista, seguia-o muitas tardes e ia na sua peugada por essas ruas fora. Para mim, aquele homem devia ter uma história engraçada. E, sem que ele desse por isso, seguia-o, seguia-o, por essas ruas, por vielas e congostas, parando na sua re-



O DR. PACHECO
visto por Octávio Sérgio

taguarda quando ele parava, olhando as mesmas montras que ele tinha olhado.

Trazia sempre debaixo do braço uma pasta muito velha, e no bolso do casaco levava sempre um tinteiro e várias penas de escrever.

O seu destino era sempre o mesmo, invariavelmente o mesmo. Viesse ele de onde viesse, chegava à Praça da Liberdade e ia subindo a Rua dos Clerigos, olhando sempre as montras, por cima da sua velha luneta.

Sentava-se todas as tardes à mesa de um modesto e popular café da Praça de Carlos Alberto, e, depois de tomar um cafézinho bem açucarado, arrumava a sua tralha de escriturário sobre a mesa, abrindo a pasta e colocando a jello o tinteiro e as penas. Dava um toque na luneta que lhe cavalgava a bicanca, esfregava as grandes e nodosas mãos, que às vezes bufava com o seu hálito, e punha-se a escrever, a escrever até à noite.

As vezes também se sentava à mesa outro vagabundo, o Evaristo, de tez rosada e barba ruiva, com um olho muito azul que parecia um astro...

O Evaristo era uma espécie de confidente que tinha o hábito, dir-se-ia o compromisso, de concordar inteiramente com as suas altas razões de direito... De direito, sim, que o doutor Pacheco, homem de direito e homem com direitos, trazia em mente uma grande e extraordinária questão que seria representada nos tabladros judiciais da comarca, e pela qual se inferia que todos os Pachecos e Perelras do País deviam ao autor somas fabulosas...

Entretanto, e para entreter a debilidade económica, ia o doutor Pacheco escrevendo cartas a grandes fidalgos ainda seus parentes, nas quais pedia que lhe enviassem qualquer quantia, módica que fosse...

E dizia o doutor Pacheco ao róscos e lunático Evaristo:

— Vai ver, Evaristo, que eu, assim, ajelta qualquer coisa...

E o Evaristo, com o astro muito azul a brilhar, pondo a mão na barba de milho que lhe emoldurava a face, concordava:

— Ai, assim ajelta, ajelta... Olha o milagre... O «olor» doutor é um homem de leis e as leis é que mandam...

E sempre que o Evaristo mimoseasse com o atributo de homem de leis o doutor Pacheco, era certo e sabido que este lhe oferecia um café, dizendo ao criado:

— José, traga um cafézinho para o Senhor Evaristo Seabra, que é um homem infeliz, mas muito inteligente...

Depois, já a noite caíra, e o doutor Pacheco tornara a arrumar na sua pasta a velha papitada, meia o tinteiro e as penas no bolso do casaco e saía.

Viveu assim anos e anos seguidos, pedindo por conta das questões judiciais que nunca chegaram a entrar nos cartórios dos tribunais.

Nascera para sonhar e é certo que morreu sonhando que vivia.

De qualquer maneira, sua vida teve beleza.

O PRIMEIRO DE JANEIRO : domingo :



A GENTE A QUEM VOU DIRIGIR-ME É AO GRUPO P.T.A. LOCAL. ABORRECE-SE-A, SR. HENDRICKS?

NÃO SE PREOCUPE, SENHORA.



QUANDO A SONORIZAÇÃO, TUDO MODIFICA

SONORIZA-MOS? AH, SIM! O SOM.



MAIS TARDE...

O SR. HENDRICKS PEDE DESCULPA DA SUA PARTIDA REPENTINA. DISSSE QUE A VERIA AMANHA.

ESTÁ BEM!

Art. King Features Syndicate, Inc. Veritas Editora, S. Paulo.



?

O PRIMEIRO DE JANEIRO

O senhor Calisto

